

---

## UMA HISTÓRIA DE MUTUALISMO E DE FLORESCIMENTO CONTÍNUO: O JORNAL E A LITERATURA NA CIDADE DE VALENÇA - BAHIA

Gilson Antunes da Silva<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

Literatura e jornalismo sempre caminharam juntos no Brasil e, principalmente, nas cidades das províncias baianas. O jornal, como sabemos, nesse país, antecedeu o livro e representou - inquestionavelmente - o grande divulgador e formador do público para a forma ficcional (SALLES, 1979). Antes do livro, as pessoas liam e usufruíam de textos literários nos periódicos semanais. Segundo Américo Jacobina Lacombe (2004), é impossível, no estudo do desenvolvimento literário de um país, fazer abstração do jornalismo, o maior contribuinte para a formação da literatura até agora. Portanto, foi no jornal que muitos de nossos escritores se consagraram e lá deixaram seu legado. Nesse sentido, os periódicos constituíram verdadeiro recurso de formação de um público leitor e, principalmente, instrumento para a construção da imagem do próprio escritor.

Conforme Carlos Magno Araújo (2005), sobre esses dois campos discursivos, é possível abordar quase uma infinidade de aspectos. O autor ressalta a presença de grandes escritores no jornalismo quer seja como repórteres ou editores quer seja como cronistas ou colaboradores de grandes e pequenos jornais: Machado de Assis, João do Rio, Nelson Rodrigues, Antônio Maria, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Resende, etc., de modo que, em qualquer região do país, isso foi um fenômeno muito recorrente, atando as duas áreas de forma contínua. Para o autor, apesar de pertencerem a campos distintos, os dois “são atividades que se aproximam porque sobrevivem do mesmo meio, a palavra, e do mesmo fim, a conquista de leitores. Ambos, porém, ocupam seus espaços” (ARAÚJO, 2005, p. 97).

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura e Cultura (UFBA), Mestre em Letras (UFBA), Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (FACCEBA), em Ensino de Língua e Literaturas de Língua Portuguesa (UNIMES), em Teoria da Psicanálise de Orientação Lacaniana (BAHIANA/IPBA), licenciado em Letras (UNEB) e bacharel em Filosofia (UCSal). Professor do IF Baiano (Valença) e membro do Grupo de Pesquisa em Linguagens, Culturas e Ambientes (GLICAM). E-mail: [gilson.silva@ifbaiano.edu.br](mailto:gilson.silva@ifbaiano.edu.br).



Nesse sentido, Pedro Calmon (2008), afirma que a imprensa e a literatura complementam-se, com a circunstância de que não houve escritor destro sem a passagem acidental ou prolongada pelo jornalismo.

Aí começaram, ou amadureceram, os estadistas (*le journalisme mène à tout...*); aí se exercitaram novelistas e poetas, aí acertaram com as portas das letras – pelos atalhos da reportagem, da crônica, do *suelto*, do artigo, *de fundo* ou sem ele – os talentos correndo atrás do livro, as vocações que o adivinhavam no patamar da fama ou a experiência dos que não hesitaram em trocá-la pela guerrilha da opinião, voltando, eminentes, e idosos, à faina do periódico, que derruba e mantém situações na eterna polêmica do apoio, do repúdio, do julgamento, da sentença – que outra não é a vida das gazetas. (CALMON, 2008, p. 185, grifos do autor)

Ao pensar essa relação na contemporaneidade, Daniel Piza (2005), afirma que “Por qualquer caminho que se pense, a proximidade entre jornalismo e literatura já não é a mesma” (PIZA, 2005, p. 133). Para o autor, essa relação pode ser tomada sob diferentes perspectivas: no jornalismo como expressão literária, de características próprias mas pertencentes ao universo maior das Letras; nos jornais como veículos de divulgação literária, meios de acesso dos escritores ao grande público; no parentesco profissional de jornalismo e literatura, que são atividades semelhantes mas só têm algumas pontes de contato.

Penso aqui a relação entre os dois campos a partir de um mutualismo: o jornal como meio de formação e propagação do autor ficcional e, do outro lado, o escritor como potência para o desenvolvimento do jornal. Tomo a cidade de Valença (Bahia) como *locus* para evidenciar essa relação benéfica. Como marco temporal, estabeleço o século XX e os dezenove anos iniciais do XXI. Como *corpus* de investigação, elejo os principais periódicos que circularam na cidade durante esse recorte temporal. O objetivo desse artigo é, portanto, evidenciar como o jornal e a literatura floresceram e estabeleceram uma relação de mutualismo nessa cidade, favorecendo – para além desses mútuo beneficiamento – a formação cultural dos seus cidadãos. Nesse sentido, o texto está dividido em três partes. Num primeiro momento, contextualizo o surgimento da Imprensa no Brasil, mais particularmente, o seu desenvolvimento na Bahia. Em seguida, evidencio o florescer dos jornais na capital literária do Baixo Sul (Valença) e sua aliança com a literatura. Por fim, discuto, a partir de alguns casos, a relação de mutualismo entre os dois campos, resultando na formação cultural da região. Trata-se de uma pesquisa

bibliográfica e faz parte de atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas e Ambientes (GLICAM), no IF Baiano (Valença) cujo objetivo maior consiste em mapear e dar visibilidade às literaturas produzidas no Baixo Sul da Bahia.

## A IMPRENSA NA BAHIA E O NASCIMENTO DO JORNAL LITERÁRIO

O Brasil, enquanto colônia portuguesa, ficou privado dos benefícios da Imprensa durante três séculos. Portugal, a fim de manter a colônia presa ao seu domínio, não consentia o estabelecimento de uma Imprensa no Brasil, baixando ordens no sentido de serem queimadas e destruídas aquelas que aparecessem de forma clandestina. Isso impedia que fossem disseminadas ideias contrárias ao regime colonial e aos interesses da coroa portuguesa. Apesar disso, todavia, era permitida a entrada de livros e de jornais publicados na Coroa.

Entretanto, com a fuga da família real para o Brasil, em 1808, essa proibição foi abolida, inaugurando, nesta terra, uma longa história da Imprensa. Em 13 de maio de 1808, por fim, instalava-se a Imprensa Régia no Rio de Janeiro, funcionando por quase três anos como a única tipografia do Brasil.

A introdução da imprensa no Brasil, contudo, não corresponde ao início do jornalismo, como veículo de manifestações literárias. O primeiro jornal fundado nesta terra apareceu no Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808 e se denominava *Gazeta do Rio de Janeiro*. Era privativa dos oficiais da Secretaria de Estrangeiros e Guerra e dirigida por um deles: Frei Tibúrcio José da Rocha. Seus primeiros números consistiam unicamente em noticiários (LACOMBE, 2004). Fazendo jus ao nome, a *Gazeta* seguia o padrão das gazetas europeias do Antigo Regime, que circulavam na esfera do Estado absolutista, campo de disputas simbólicas e não de referências monolíticas. Até mesmo um crítico ácido como Voltaire elogiava tais gazetas pela dimensão cosmopolita e por fazerem circular palavras e informações, ainda que restritas. A própria Imprensa Régia não pode ser considerada apenas divulgadora de papéis oficiais, pois desenvolveu ampla e complexa atividade tipográfica, tornando-se a primeira editora a funcionar em território brasileiro (MOREL, 2012).

Na Bahia, o primeiro jornal foi fundado em 14 de maio de 1811 e denominava-se *Idade d'Ouro do Brazil*. Tratava-se de um jornal noticioso e instrutivo, redigido pelo emigrado português bacharel Diogo Soares da Silva



Bivar e pelo padre Ignacio José de Macedo. Segundo Alfredo de Carvalho e João Nepomuceno Torres (2007), era uma espécie de órgão oficial e tinha por fim sustentar as ideias de ordem e preponderância do governo português. Publicava-se na tipografia de Manoel Antonio da Silva Serva, localizada na Conceição da Praia, na cidade da Bahia. Saía duas vezes por semana, a preço de 60 réis o número. Sua publicação prolongou-se até 24 de junho de 1823, após a independência do Brasil, a quem se opunha fortemente.

Entretanto, o primeiro jornal de cunho literário e o terceiro jornal brasileiro apareceu um ano depois (1812) e se chamava *As Variedades, ou Ensaios de Literatura*. Tratava-se de uma revista literária mensal, surgida em fevereiro de 1812 a 500 réis o fascículo. Imprimia-se na Tipografia de Manoel Serva e foi a primeira publicação periódica de caráter literário feita no Brasil. Seu redator foi o bacharel Diogo Soares da Silva e Bivar, emigrado português. “A revista *As Variedades*, foi pois, a primeira publicação periódica de carácter literário aparecida no Brasil, porquanto precedeu de quasi um anno a *O Patriota*, jornal literário, político e mercantil do Rio de Janeiro” (CARVALHO, 2007, p. 25)

A esses, seguiram diversos outros jornais ainda no século XIX: *Semanário Civico* (1821-1823, impresso na tipografia da Viúva Serva & Carvalho, redigido por Joaquim José da Silva Maia), *Minerva Bahiense* (1821, publicou de abril a dezembro, possuía o mesmo formato de *A Idade d’Ouro*), *Diario Constitucional* (1821-22, fundado e redigido por Francisco José de Almeida Côrte Real, Francisco Gomes Montezuma e José Avelino Barbosa e Euzebio Vanerio), *O constitucional* (1822), *Sentinella Bahiense* (1822), *Analyrador Constitucional* (1822-23, periódico político-liberal, publicado em continuidade ao *Diario Constitucional*, era o único que se atrevia a lançar em rosto aos oficiais lusitanos suas arbitrariedades, injustiças e barbaridades), *Baluarto Constitucional* (1822), *Espreitador Constitucional* (1822-23), *Idade de Ferro* (1822), etc. A partir daí, multiplicaram-se as publicações periódicas, conforme Alfredo de Carvalho e João Nepomuceno Torres (2007), dificultando acompanhar o progresso do jornalismo nesse estado.

## **AS MARGENS FÉRTEIS DO RIO UNA: JORNALISMO E LITERATURA NA CAPITAL LITERÁRIA DO BAIXO SUL**

Valença é um município situado na faixa litorânea do Estado da Bahia, limitando-se ao norte com o município de Jaguaripe, ao sul com o município de Taperoá, a oeste com Tancredo Neves e a leste com o Oceano Atlântico. Segundo a classificação do IBGE, integra a mesorregião geográfica Sul Baiano, liderando a microrregião que engloba os seguintes municípios:

Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Cairu, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Igrapiúna, Camamu e Marauá.

O território de Valença fazia parte da capitania de São Jorge dos Ilhéus e, administrativamente, pertencia à Vila de Nossa Senhora do Rosário de Cairu. Habitavam o lugar índios tupinambás e os rivais aimorés, e os primeiros colonos começaram a chegar por volta dos anos 1557 a 1571. Entre esses colonos estava Sebastião de Pontes, homem rico, proprietário de dois engenhos de açúcar na região do Recôncavo baiano. Ao chegar, ele construiu um curral de frente à ilha de Tinharé e um engenho, este localizado a duas léguas da embocadura do rio Una. Casas de vivenda e uma igreja com três capelas também foram construídas o que, possivelmente, atraiu outros moradores e fazendeiros de cana, que passaram a se instalar nas proximidades. Segundo Edgard Otacílio Oliveira (2009), nesse período, nesse local já habitavam muitas pessoas, principalmente nos engenhos. O povoado foi se desenvolvendo em meio aos conflitos entre as tribos rivais que viviam nesse território, num processo contínuo de construção e demolição. A partir do século XVIII, os tapuias foram pacificados, o território começou a prosperar e a se expandir, surgindo novos povoados. “Em 1770, o povoado do Una, região onde hoje está situada a cidade de Valença, crescia de forma muito rápida. Possuía um grande comércio de arroz, mandioca e madeira e um intenso tráfico de escravos” (OLIVEIRA, 2009, p. 56).

Em virtude do grande progresso e do desenvolvimento econômico e populacional, o povoado passa à categoria de vila pela carta Régia de 23 de janeiro de 1799, sob a denominação de Vila de Nova Valença, freguesia do Sagrado Coração de Jesus, desmembrando-se do território de Cairu. Esse acelerado progresso que atravessava o cotidiano da Vila impulsionou a sua elevação à categoria de cidade, ocorrida em 10 de novembro de 1849, pela resolução Nº 368, com a denominação de Cidade Industrial de Valença.

Territorialmente, Valença está inserida no Baixo Sul juntamente com outros catorze municípios: Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Piraí do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença e Wenceslau Guimarães. Esse território, por sua vez, ocupa uma área de 7.168,10 km<sup>2</sup>, correspondendo a aproximadamente 1,14% do total do estado da Bahia. A maior parte de seus habitantes, cerca de 320 mil, vive na zona rural e em sua faixa litorânea, que se estende desde a foz do Rio Jaguaripe até a foz do Rio de Contas. (ICÓ, SANTOS e OLIVEIRA, 2009).

Do ponto de vista literário, a cidade de Valença tem sido bastante produtiva, legando às literaturas baiana e nacional grandes autores e obras de diferentes gêneros. Dentre todas as que compõem o território, ela é a mais fértil e a que mais tem autores com obras publicadas. Valença é, portanto, a capital literária do Baixo Sul da Bahia em virtude de sua vasta produção no âmbito das literaturas (SILVA, 2017). Publicam-se e escrevem-se textos literários nesta cidade desde muito tempo. Se conseguíssemos encontrar manuscritos do início da colonização relativos ao território onde se situa a Valença atual, certamente teríamos textos aqui produzidos nos engenhos, nas Casas grandes e, principalmente, nos púlpitos. É possível que as primeiras manifestações literárias tenham se dado em solo valenciano desde 1557, com a chegada de Sebastião de Pontes, uma vez que, nessa época, já existiam moradores nas fazendas de gado, de cana e de condimentos. Entretanto, isso se acentua, principalmente, a partir do século XVIII, quando acabam os conflitos mais acirrados com os índios e se reconstrói o povoado do Una, arrasado pelos indígenas algumas vezes. Segundo Edgard Otacílio de Oliveira (2009), nesse período, o povoado do Una tem um forte crescimento em virtude da extração de madeira e do extrativismo de alguns produtos e da pesca, que atraíam muitas pessoas. Existiam, aproximadamente, 50 casas e 450 pessoas em volta da Capela do Amparo.

A vida literária nos primeiros anos da colonização no Brasil estava pautada ainda nos preceitos clássicos de ser ao mesmo tempo útil e agradável, restringindo-se apenas entre os brancos e seus iguais. A literatura estava ligada à vida social desse período cujo centro era a figura paterna com seu domínio nas grandes fazendas. “Com esse tipo de relações e a vida rústica, sobrava pouco espaço para a literatura e menos ainda para alguém se dedicar a ela” (RONCARI, 2002, p. 104). A leitura era restrita aos homens e os livros reduziam-se a obras de cunho religioso, sendo raros os de literatura profana, didáticos ou jurídicos. Raras também eram as mulheres que sabiam ler e escrever. Raras ainda eram os colégios (jesuítas) restritos apenas aos meninos que aprendiam a ler, escrever e contar.

É nesse universo sociocultural que surgem as primeiras práticas literárias em Valença e na Bahia. Segundo Luiz Roncari (2002), a literatura fazia parte da vida cotidiana seja no campo profano, seja no campo sagrado.

Faziam-se poesias, trovas, glosas, romances em versos, desafios, encômios, versos maledicentes, trocavam-se cartas, pregavam-se sermões nas igrejas que se erguiam em cada freguesia; tudo isso a propósito de tudo e de todos, por um simples aniversário, pela morte de uma

---

grande autoridade, para a detração de uma escrava ou de um governador (RONCARI, 2002, p. 105).

Entretanto, essas práticas eram realizadas, principalmente, no plano da oralidade, uma vez que se tratavam de versos escritos para serem lidos em ocasiões especiais. Ou ainda eram improvisados, como muitos desafios, a partir dos motes propostos, e depois redigidos pelo próprio autor ou por terceiros. Luiz Roncari (2002) corrobora isso quando diz que a prática literária estava assim estreitamente vinculada à prática oratória, para a qual alguns indivíduos se preparavam e à qual se dedicavam, tornando-se verdadeiros mestres de recitação, declamação, pregação, desafios, etc.

Divido a literatura valenciana do século XX em duas fases (SILVA, 2018). A primeira corresponde às produções realizadas do início desse século e vai até a década de 80. Nessa primeira etapa, podemos dividi-la em duas grandes correntes. A primeira pode ser intitulada como Grupo Finissecular, absorve várias tendências do século XIX e incorpora as primeiras marcas modernas, ainda que tardias. Autores desse grupo escrevem ainda sob as influências romântica, realista/naturalista, parnasiana, penumbriista e simbolista. Nesse universo, podemos elencar autores como Fábio Luz, Cícero Mendes, Nathan Coutinho e Elmano Amorim (que por aqui vive algum tempo). O outro grupo (Grupo dos Autores de Semanários) é composto por autores que publicaram, principalmente, nos jornais locais (muitos deles não legaram à posteridade nenhuma obra impressa) e que contribuíam semanalmente com sua arte para a cultura local. Muitos deles cultivaram elementos das estéticas passadistas, e outros enveredaram pelas marcas da literatura moderna. Dentre outros, podemos citar: Newton Libertador, Luiz Góes Teles, Sinval Lima Viana, Presciliana Duarte de Almeida, Maria de Lourdes Chagas, Epaminondas Muniz, Mariêta Queiroz, Galvão de Queiroz, Manuel Ribeiro, José Malta, Aquino Corrêa, Alberto Libânio, Vitorino Palma, Ribeiro Libertador, Álvaro Maciel, Getúlio d'Alva, Deoclecio Silva, João Batista Cerne, Raphael Trocoli, e Antonio Bernardo de Queiroz. É sobre esse grupo que aqui me detenho, por se tratar de escritores que usaram o jornal como principal veículo de propagação de seus textos.

A segunda fase da literatura valenciana começa na década de 80 do século XX e se estende até o presente momento. A chamada Literatura contemporânea de Valença tem início com as publicações de Otávio Mota e ganha impulso com as grandes obras publicadas a partir dos anos dois mil. Nesse universo, vários autores entram em cena, quer seja nas produções individuais, quer seja nas construções coletivas como as famosas antologias organizadas por Araken Vaz Galvão. Nesse grupo de autores contemporâneos,



merecem destaques Mustafá Rosemberg, Alfredo Gonçalves, Araken Vaz Galvão, Ricardo Vidal, Carlos Magno de Melo, Macária Andrade, Rosângela Góes, Amália Grimaldi, Moacir Saraiva, Celeste Martinez, Adriano Pereira, etc. Além desses autores já conhecidos, existem muitos outros que publicam em antologias ou no *Jornal Valença Agora*. O que temos nesta cidade, portanto, é um verdadeiro celeiro de autores e obras que nascem com muita rapidez nessas margens férteis do Una, esse rio de Letras que alimenta e nutre nossas almas cotidianamente.

Os escritores valencianos, principalmente aqueles do Grupo dos Autores de Semanários, tiveram o jornal impresso como principal meio de divulgação de seus textos. Nos semanários, tornaram-se escritores, no sentido de serem legitimados como tal a partir dessa prática. Além disso, foi por meio dessa escrita que muitos também se aprimoraram no fazer literário. Segundo Pedro Calmon (2008), o jornal é, historicamente, o *locus* do exercício do escritor, espaço privilegiado para o aprimoramento do literato adormecido ou em estado de latência. Para Calmon, foram raros os grandes escritores brasileiros que não “abancaram na redação, para perpetrar [...] as rijas campanhas que celebrizaram os nossos melhores homens de letras” (2008, p. 187). De tal modo, nos prelos da imprensa noticiosa resplandeceu o Romantismo; nela surgiu o Naturalismo, sendo que as revistas hospedaram a melancolia de Cruz e Sousa e o lirismo de Mário Pederneiras; no jornal também propagaram a revolução modernista.

Em Valença não foi diferente. Seus escritores alimentaram a imprensa local desde seu surgimento, em 22 de abril de 1870 com a publicação do *Jornal de Valença*. Trata-se de um periódico literário, noticioso e comercial de publicação semanal cujo editor-proprietário era o senhor Francisco Alexandre de Almeida. Após sua morte, passou a ser propriedade da Viúva Almeida e Filhos. Seu administrador gerente era Alberto Licínio de Mattos e em seguida, Aristides de Sant’Anna. Era publicado em tipografia própria, localizada à Praça da Independência, n. 02, e Praça do Comércio. Encerrou suas atividades em 1882. Nos poucos exemplares encontrados desse primeiro jornal, constatamos a presença de textos literários circulando em meio a notícias e outros gêneros. Havia uma seção destinada à Poesia em que se publicavam textos de autores locais.

Seguiram-se, ainda no século XIX, a esse primeiro jornal, vários outros, muitos deles de natureza literária: *O Perylambo* (1871-72, periódico crítico, literário e noticioso cujo redator principal era o Doutor Cabelleira), *Echo do sul* (1879, periódico defensor dos interesses do sul da Província), *O*



*tempo* (abril de 1882), *O Valenciano* (1882, que substituiu o *Jornal de Valença*. Era também um Periódico literário, noticioso e comercial. Tinha publicação semanal cujo proprietário era José Pereira da Silva Carvalho), *A Aurora* (1883-84, periódico literário, noticioso e comercial de propriedade de Álvaro Cordova Bandeira de Mello), *O Occaso* (1884), *A União* (1886-1889. Trata-se de Periódico do Órgão Conservador, literário, noticioso e comercial cujo editor-proprietário era Antonio José de Siqueira), *Gazeta de Valença* (1886-1893, periódico literário, noticioso e comercial, de publicação semanal, editado pelo proprietário Manoel Leite Ribeiro. Em 23 de junho de 1889 passou a ser propriedade de Erico Pinheiro Lobão & Siqueira e tinha como redator J. Cardoso de Sousa), *O Inspirado* (1887-88, dirigido por Gonçalo Junior, era um periódico literário charadístico), *O Relâmpago* (1887), *O Inspector* (1888) *O Amigo do Povo* (1889), *O Popular* (1890, periódico literário, noticioso e comercial cujo diretor era Antonio José de Siqueira), *Tribuna Republicana* (1890, Órgão do Club Obreiros do Progresso que tinha como diretor e proprietário Antonio José de Siqueira), *A Actualidade* (1891-92, Órgão imparcial cujo proprietário era Custódio Antonio da Silva), *O Esforço* (1894, de pequeno formato, era uma Revista literária que saía quinzenalmente), *O Povo* (1893-96, tinha como lema: Justiça – Direito – Verdade e era de propriedade de José Lourenço de Moraes), *O Motivo* (1894), *O Município* (1894-95, era órgão do Partido Republicano constitucional cujo proprietário era Gonçalo Junior), *A Verdade* (1895), *O Poder da Vontade* (1897, Revista mensal, Órgão da Sociedade Progressista Valenciana e tinha como editor responsável Gonçalo Junior), *O Filho* (1898), *A Vida Valenciana* (1898-1911, Periódico literário e noticioso e tinha como diretor Gonçalo Junior), *O Labaro* (1899, Hebdomadário literário e noticioso cujo redator era Guimarães Cova).

Alguns tipos de jornais tinham vida muito efêmera. Segundo Aloysio de Carvalho (2008), dentre esses estavam os literários, os científicos e os ilustrados. Na Bahia, houve repetidas tentativas para inseri-los no meio cultural, mas com sucessivos fracassos. As causas, segundo o autor, eram também variadas:

As dificuldades eram de toda casta, terminando pelas da pior espécie, que são as invencíveis. Uma das maiores, o colaborador. Pelo número dos que a folha apresentava ao nascer, não ficaria nunca uma página vazia, quanto mais uma coluna ôca. Esperai, entretanto, que haveis de ver o compositor faminto por originais, e o diretor a lembrar, a pedir, a ir buscar, e, por fim, a adiar a saída da revista de um sábado para uma segunda, e de uma semana para um mês, e de um mês para nunca mais. Do



meu tempo, não sei de alguma desse gênero que houvesse vencido vida longa, e, muito particularmente, vida fácil, sem demorados eclipses (CARVALHO, 2008, p. 54-5).

Na Valença do século XIX, os jornais de feição literária também não duravam muito tempo. Nenhum dos supracitados, exceto *A vida valenciana*, chegou a 5 anos. O ritmo de vida nas províncias dificultava ainda mais. A circulação era menor, o número de leitores influenciava incisivamente nessa duração. Segundo Milton Santos (2008), nos anos de seu surgimento, quando a impressão se fazia a duras penas, o jornal possuía uma pequena área geográfica de influência e uma profundidade também pequena, tendo em vista o reduzido número dos que sabiam ler ou podiam comprar as folhas.

Ainda de acordo com Milton Santos (2008), o jornal sofre diversas limitações, a começar pela própria natureza do seu variado material de divulgação que nasce com certo prazo de vida, ou seja, não mais do que 24 horas. Caso o diário não alcance as regiões de circulação nesse prazo improrrogável, ele falha em sua missão. Consequentemente, “não tardará em perder substância e leitores para outros que possam empreendê-lo” (SANTOS, 2008, p. 178). Nesse sentido, isso faz com que cada jornal possua a sua área mais ou menos de influência, o seu raio de ação determinado não só quantitativa como qualitativamente. Trata-se, segundo esse autor, da região jornalística. Nesse sentido, existem zonas e subzonas jornalísticas, subentendendo a existência de áreas diferentes maiores ou menores, uma dentro das outras, onde operam os jornais conforme suas categorias funcionais.

Em “Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas”, Milton Santos (2008), ao pensar nas categorias de funcionamento dos jornais, classifica-os em nacional ou supraestadual, publicado na metrópole política ou mesmo econômica; jornal estadual, editado, via de regra, na capital dos estados, centro das pulsações do organismo político e administrativo; o jornal regional que circula em sua área respectiva, sofrendo nas bordas a concorrência do jornal da região vizinha; e o periódico local.

Segundo essa classificação adotada por Milton Santos (2008), os jornais valencianos inserem-se nesta última categoria. Surgem como necessidade, para o registro dos fatos locais, onde o noticiário das cidades e municípios a que servem ganham um espaço maior que o dedicado aos fatos estaduais ou nacionais. O periódico local, portanto, “atende a interesses do lugar onde atua e não raro a problemas de natureza efêmera, animando-se ao

sopro de paixões momentâneas, que marcam geralmente o seu tempo de vida ou renascimento” (SANTOS, 2008, p. 183).

No século XX, os periódicos, em Valença, ganham impulso e vivem até os dias atuais. Em suas páginas semanais, muitos escritores ganharam visibilidade ao publicar seus textos, oferecendo ao público uma formação cultural e humanística. Em 1900, surge o jornal *A opinião* (1900-1901), “Órgão de defesa dos interesses sociais”, de publicação semanal que se dava na Tipografia d’A *Vida Valenciana*. Reaparece em 1903 sob a direção de Figueredo Filho. Em junho de 1902, surge *O Pimpolho*, periódico literário em pequeno formato de propriedade do senhor Ernesto Malheiros. Entre 1902-1903, circulou aos domingos o *Correio de Valença*, sob a direção de Theodorico da Fonseca e era dedicado aos interesses da lavoura. *A Perola*, órgão literário e noticioso, de propriedade de Firmino Chaves, surge em 15 de setembro de 1903 e era impresso na Tipografia d’A *Vida*. Impresso nessa mesma tipografia, *O Bohémio* surge em março de 1904. Trata-se de um periódico de natureza literária e recreativa cujo dono era Balthazar Augusto. Já *O Horizonte* (1904-1905), saía às sextas-feiras e era um órgão de defesa dos interesses do comércio, da lavoura e das artes. Tinha como proprietário João Ursecino de Figueredo. Em novembro de 1904, surge também *O Gato Preto*, em pequeno formato. Em 1907, de propriedade de Avelino Messias, aparece *O Frade*. Em 6 de junho de 1907, surge o jornal *Brazil-Valença* de propriedade de Firmino Chaves. Trata-se de revista literária, recreativa e noticiosa que publicou apenas 40 números até março de 1908. Em agosto de 1907 é a vez de *A Tesoura* cujo proprietário era Balthazar Augusto. Publicava-se às quartas-feiras pela Tipografia de *A Vida* e era um órgão crítico e chistoso. Ainda de 1907 é *O Diabo. A Evolução* (1908-1909) era um órgão de defesa da Maçonaria cujo proprietário eram os Obreiros da Loja Caridade e Luz. Já *O Operário* (1909-1911) era um jornal noticioso, literário e humorístico de propriedade de Ernesto Malheiro e direção do professor Leonídio Rocha. Depois passou a órgão do Partido republicano cujo redator e proprietário passa a ser Lindolpho Olivaes. (CARVALHO E TORRES, 2007).

A partir de 1911, surgem diversos outros jornais semanais. *O Clamor do Povo* (1911-1912) de propriedade de Dr. Wenceslau Guimarães, era um órgão político. Em 1912, surge *A Tribuna do Povo*, de Balthazar Augusto, encerrando as atividades em 24 de dezembro de 1926. Em 1915, surge *O Clarim*, do poeta José Malta. Como deixa claro na primeira edição, trata-se de um órgão chistoso e literário, “fazendo-se representar em todas as repartições públicas para a necessária crítica, em cujo terreno seremos assíduos e justos”



Em 1918, é a vez de *O Éco da Saúde*. José Malta novamente cria outro jornal em 1919 denominado *A Bomba*. Em 1922, o mesmo poeta funda mais outro jornal: *O Relampago*. Alcides Lopes funda *O Raio* em 1922 e *O Rebate* em 1924. Neste mesmo ano, surge *O Grito* de propriedade de Manoel Dionísio de Oliveira e Sousa. Já Dr. Oscar Rosário funda *A Notícia* em 1926, enquanto Eduardo Araújo Queirós cria *O Combate*. Em 1928, é a vez de *O Maricoabo*, de Gabriel da Luz, seguido de *O Industrial* (1929) de Ernesto Malheiros. Em 1º de janeiro de 1930, Samuel Lacerda funda *O Comércio*, seguido de *A União* (do Cônego André Costa), *O Maribondo* (de Alcides Lopes), *O Espião*, *O Jornal do Povo* e *O Correio Valenciano* (1933). Em 1936, Samuel Lacerda funda *O município*, sucessor de *O comércio*. Trata-se de um “semanário político, literário e noticioso, dedicado aos interesses gerais e do povo valenciano, como coletividade autônoma e como parte integrante da grande comunhão brasileira”. Em 27 de maio de 1933, é lançado *O Provisório*, sob a direção de Samuel Lacerda, como Semanário independente, noticioso e literário. Em virtude da censura local, substituiu *O Comércio*. Em 1933 (25 de fevereiro), surge ainda o *Correio valenciano*, dirigido por Ernesto Malheiros.

Merecem destaques ainda os periódicos *O Papagaio* (de Alysso Magalhães Freitas, fundado em 1956 por Raimundo Mendes), *Valença Oficial*, órgão do município de Valença, fundado em 1940, *O Estádio* (de Nelson Teixeira), *A Notícia* (do professor Brasília Machado da Silva), *A Semana* (de Álvaro Maciel, fundado em 1948) e *O Caráter* (de Raimundo Galvão). A partir da segunda metade do século XX, teremos outros grandes jornais como o *Jornal de Valença*, fundado em 1963. Seu primeiro número sai no dia 16 de fevereiro desse ano. Seu diretor-proprietário era Waldemar Magalhães Teixeira. Seguiram a esses o jornal *Folha da Cidade* (fundado em 1964, que tinha como diretor Valdemar Teixeira), *O Manacá* (fundado em 1973 por José Bulcão Oliveira), *O Aráivid* (fundado em 1971 por Ivanmar Batista de Queiroz), *O Caduceu* (maio de 1965, órgão do Grêmio Litero-Esportivo Dr. Mustafá Rosemberg e que tinha como diretor Péricles Queiroz do Lago) e o *Valença Agora*, fundado em 2001 por Dimpino da Purificação Carvalho.

## **JORNAL E LITERATURA: MUTUALISMO EM FAVOR DA CULTURA E DO CIDADÃO**

Os jornais que circularam em Valença, além da formação de um público leitor, eram responsáveis também pela formação do escritor e pela divulgação e circulação dos textos desses autores, consagrando-os nesses espaços abrangidos por esses semanários. Na primeira metade do século XX, distinguiram-se alguns grandes nomes da literatura valenciana a partir da

atuação direta na imprensa local e regional. Destaco aqui quatro deles: José Malta, Manuel Ribeiro, Galvão de Queiroz e Álvaro Maciel.

José de Oliveira Malta nasceu em 10 de outubro de 1895, em Valença onde também faleceu, no dia 25 de novembro de 1947. Era, além de poeta, jornalista de grande estirpe. Fundou alguns jornais e colaborou em vários outros tanto na cidade quanto na região. Apesar dessa expressiva contribuição à história da imprensa local, restaram poucos exemplares desses jornais e – consequentemente – um reduzidíssimo número de textos de sua autoria. Nesse contexto, produziu um dos maiores poemas da literatura local, o famoso “Ondina” que ainda reverbera na memória da cidade. Embora o jornalismo tenha sido a principal bandeira de sua trajetória (a fundação contínua de jornais), Malta entra para o imaginário da cidade como poeta, escritor de grande habilidade com o soneto e artífice da palavra.

Da mesma forma, insere-se para o campo literário valenciano o poeta Álvaro Maciel, também jornalista e responsável por alguns hebdomadários nesta cidade. Até onde se sabe, não teve nenhum livro publicado. Entretanto, deixou espalhado, nos jornais locais, uma grande quantidade de poemas, o que o insere no campo literário local como escritor de primeira qualidade. Além de poeta, Álvaro de Ferreira Maciel foi também músico (e se destacou bastante nessa arte) e despachante aduaneiro, servindo à Prefeitura de Valença. Seus textos estão espalhados em jornais como *O operário*, *Correio valenciano*, *Tribuna do povo*, etc., e padece de uma pesquisa mais específica, no sentido de restituir esse material e devolvê-lo à cidade.

Outro grande nome da literatura valenciana é Innocencio Galvão de Queiroz, nascido em 29/06/1904. Saiu de Valença muito jovem e seguiu para Salvador, mudando-se, em seguida, para Porto Alegre e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde morreu. Em 1935, ingressou na redação da revista *O Malho*, fazendo parte até se aposentar em 1965. Durante 30 anos, foi redator e arquivista de *O Malho*, *Ilustração Brasileira*, além de dirigir *O Tico-Tico*, *Tiquinho*, *Cirandinha* e os respectivos *Almanaques*. Colaborou com diversos jornais: *O Paiz*, *Correio da manhã*, *Diário de notícias*, *Vanguarda*, *A ordem*, *Revista da semana*, *O cruzeiro*. Traduziu algumas dezenas de livros do francês e do espanhol para a Editora Vechi. Além disso, foi secretário da *Gazeta da Farmácia*. Mesmo distante, Galvão de Queiroz jamais esqueceu sua cidade. Colaborou desde o colegial para jornais locais como *Tribuna do povo*, *O município*, *O comércio*, *A semana*, e *Folha da cidade*. Trata-se de um caso que destoa dos anteriores, uma vez que, além de projeção nacional, deixou publicado alguns livros, como *Caíva: contos* (1933), que conquistou o primeiro

lugar no Concurso da Academia Brasileira de Letras. Além desse livro, o autor escreveu livros infantis: *Reportagens de Pitusquinho*, *Os sinais misteriosos*, *A árvore que falava*, *O pinguim que fugiu do gelo*, editados pela Biblioteca Infantil de O Tico-Tico. Nos jornais locais, Galvão de Queiroz se consagra como cronista, sobretudo, contribuindo fortemente na formação de opiniões. Apesar de não estar na cidade, o autor trazia os problemas locais, sem esquecer a dimensão mais nacional. Além de crônicas, Queiroz publicou poemas, contos e até crítica literária. Trata-se, portanto, de um autor versátil e antenado aos problemas locais, mesmo inserido num contexto social bem mais amplo, como o era o contexto das grandes capitais. Galvão de Queiroz se consagra como autor a partir de sua produção ficcional publicada em outros meios, não necessariamente no jornal. Entretanto, no campo literário local, é por meio dos semanários que ele chega mais diretamente ao público. Por esse veículo, também fez chegar até seus conterrâneos, muitos de seus textos, alguns deles já publicados em livros ou até mesmo em jornais de outras cidades. Por outro lado, os jornais locais valeram-se da credibilidade e da reputação do autor para veicular seu produto. Ter um nome como Galvão de Queiroz no quadro de seus colunistas impunha mais autoridade sobre o semanário.

Outro caso bastante diferente do de Galvão de Queiroz é o de Manuel Ribeiro de Oliveira. Era oficial de registro nesta cidade nas décadas de 30 e 40 do século XX e escrevia crônicas e poemas nos jornais locais. Não teve, como os dois primeiros, nenhum livro publicado, mas deixou uma série de textos (principalmente poemas) dispersos nos periódicos para os quais colaborou durante muito tempo. Dentre esses hebdomadários, merecem destaque *O município* que o considerava como poeta parnasiano e, para tal, tinha uma seção que divulgava textos desse e de outros autores, intitulada Parnaso Valenciano. Manuel Ribeiro teve seus textos publicados em periódicos que circularam no momento de sua produção, o que contribuía para a construção de um perfil autoral. Além disso, essa imagem do escritor foi se fortalecendo após a sua morte, à medida em que eram divulgados seus textos em jornais locais a partir da segunda metade do século XX, como o *Folha da cidade*, *O Manacá* e, sobretudo, o *Jornal de Valença*.

Já na segunda metade do século XX e nos anos iniciais do XXI, os jornais foram muito importantes na construção de perfis autorais e, de outro modo, também se beneficiaram da escrita e das produções desses mesmos autores. Como destaque nesse primeiro momento, sobressai a figura de Newton Libertador.

Newton Libertador nasceu em Santarém (07/01/1919), hoje Ituberá, mas viveu a maior parte de sua existência em Valença, onde trabalhou como escriturário na Companhia Valença Industrial (31/01/1935 a 08/01/1946). Depois disso, o poeta passou a trabalhar por conta própria no comércio no qual administrava seu próprio Armazém (comércio em grosso e varejo). Em 25 de julho de 1963, foi nomeado para o cargo de Adjunto de Promotor Público desta Comarca. Sem opções na sua terra, em 1968, muda-se para Salvador com a família e vai trabalhar numa fábrica de colchão (Correia Ribeiro) de propriedade do senhor Benedito Lacerda. Após a morte de sua companheira, o poeta passa a viver de forma itinerante na casa dos filhos. Sofreu um acidente vascular cerebral e faleceu, na madrugada de 16 de junho de 1978, acometido por um infarto. Além dessas atividades, Newton Libertador foi poeta desde os 18 anos de idade, legando ao público os mais belos poemas que, normalmente, eram publicados nos jornais locais, aos quais contribuía semanalmente com sua escrita simples e profundamente lírica. Libertador também escreveu crônicas e colaborou em revistas do Rio de Janeiro e de Salvador. Além dessa vertente literária, o poeta também se dedicou às artes plásticas a partir de 1958, quando traçou o desenho de seu filho caçula. Começou como *hobby*, mas ganhou projeção nacional, quando foi selecionado na “Primeira Bial de Artes Plásticas da Bahia”, Salvador, em 1966, concorrendo com dez trabalhos. Participou de algumas mostras no estado do Ceará (3º e 4º Salões Nacionais de Artes Plásticas do Ceará), fez mostras individuais em Valença e na Galeria Panorama em Salvador, integrando ainda o Salão da Primavera, de “Le Dôme”, em 1973. Participou também da Exposição de Arte Baiana, em 1974, com tapeçarias e desenhos em nanquim, realizada em Salvador.

A atividade de Newton Libertador, na imprensa local, foi muito profícua. Escrevia quase que semanalmente para o *Jornal de Valença* e para *O Manacá*. Deixou uma extensa quantidade de crônicas e poemas dispersos, de grande valor literário que estão sendo editadas e ganharão uma publicação em breve<sup>2</sup>. Sua poética atravessa por quatro grandes vertentes: a metapoética, a crítico-social, a hermenêutico-subjetiva e a lírico-amorosa. Por meio delas, o autor mostra-se como sujeito preocupado com o fazer poético, com as questões

---

<sup>2</sup> Os textos foram editados pelos alunos Éllen Santos Gomes, Nivalmir Junio Santos Queiroz e Gabriel Santos do Rosário. Isso foi feito no projeto de Pesquisa Outras margens, velhas poéticas: a produção literária valenciana dispersa em jornais do século XX, desenvolvido no âmbito do IF Baiano (Valença) e por mim orientado. Trata-se de um projeto de iniciação científica júnior, financiado pelo IF Baiano, por meio da Chamada Interna PROPEs Nº 05/2016. Esse projeto faz parte dos trabalhos do Grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas e Ambientes (GLICAM), especificamente da sua linha de pesquisa Literatura e Cultura do Baixo Sul da Bahia, sob a minha coordenação. Estamos organizando uma antologia com textos de alguns autores que publicaram em jornais valencianos no século XX.



sociais que atravessam seu cotidiano, com a problemática existencial que acompanha o homem moderno e com o lirismo amoroso, preocupação dos poetas de todos os tempos. Há, na lírica newtoniana, um generalizado mal-estar, resultado do conflito entre o eu e o mundo. Sua obra é feita de muros, de paredes e de pedras, muito próxima das poéticas de Carlos Drummond e de Helena Parente Cunha. Essa poesia do emparedamento, no plano local, é desenvolvida mais tarde com Otávio Mota em *Pensar fluidos*, essa “poética dos caminhos cortados”. Esse mal-estar representa um desencontro absoluto, jogando o sujeito ora no sofrimento aceitado, ora no debate sobre essa condição, gerando uma poesia do choque, do conflito interior. Um ser que se debate entre muros, sombras e sofrimentos (SILVA, GOMES, ROSÁRIO e QUEIROZ, 2018).

A partir dos anos dois mil, mais especificamente em 04 de maio de 2001, começa a circular na cidade e na região do Baixo Sul mais um jornal impresso que terá papel importante no desenvolvimento e na propagação da literatura valenciana. Trata-se do *Jornal Valença Agora*, hebdomadário “comprometido com o desenvolvimento sustentável da nossa região”. Foi fundado pelo economista e agricultor Dimpino da Purificação Carvalho que, logo em seguida, repassou o comando para o jornalista Vidalto Oiticica Pires, atual proprietário.

Como fica explícito no lema supracitado, o *Valença Agora* também se compromete com o desenvolvimento cultural da região. Isso pode ser evidenciado nos seguintes aspectos. 1. O jornal é um grande propagador de textos literários de autores locais, principalmente crônicas e poemas, sendo veiculados nas suas páginas toda semana. Esses textos são de autores já consagrados no campo literário local e, muitos deles, de alcance nacional. Mas o *Valença Agora* contribui, sobretudo, para a divulgação de autores menores, sujeitos poucos conhecidos até mesmo na cidade onde se publica o semanário. 2. Além de publicar textos literários, esse jornal funciona como grande parceiro dos escritores, à medida em que noticia fatos relativos a eventos ligados ao campo literário, como, por exemplo, lançamentos de livros, premiações, posse em Academias e outros órgãos. Dessa forma, o jornal funciona como veículo de concretização e solidificação da figura autoral, levando ao público essas informações que amalgamam e legitimam a imagem do autor. 3. O *Jornal Valença Agora* possui uma coluna dedicada à Crítica literária e à Crítica Cultural, assinada pelo professor Gilson Antunes da Silva (doutor em Literatura e Cultura), que tem como objetivo principal apresentar – sobretudo – obras de autores do Baixo Sul, trazendo ao público crítica e análise de objetos literários e culturais produzidos nessa região. Por meio dessa coluna, o jornal



oportuniza ao leitor a mediação crítica, no sentido de alargar os horizontes interpretativos e facilitar o processo de leitura lítero-cultural. O colunista tem mapeado as literaturas produzidas nessa região da Bahia e trazido ao público textos e autores que lhe são desconhecidos, dando-lhes visibilidade, resgatando a memória e fortalecendo as identidades locais. Nesse sentido, o *Valença Agora* funciona como máquina de circulação cultural e – acima de tudo – de formador de leitores. 4. O *Jornal Valença Agora* possui um caderno dedicado à cultura em que, além de levar informação e lazer, traz à tona textos de autores locais, potencializando sua imagem no cenário local. Esse Caderno (hoje, em fase de adaptação) é composto por algumas colunas: Prosa semanal (assinada por Amália Grimaldi), Canto da crônica (sob a responsabilidade do escritor Carlos Magno de Melo), Verbete (de Dácio Monteiro), Histórias do cotidiano (do cronista Moacir Saraiva), Expressão poética (página dedicada e alimentada pelo poeta Mustafá Rosemberg) e Horizontes da crítica (sob o comando de Gilson Antunes). Esse caderno, portanto, é responsável por levar ao público textos críticos e literários que representam o cotidiano com suas adversidades, oferecendo-lhes outras formas de ler o mundo, a vida e o próprio sujeito. 5. O *Jornal Valença Agora*, com o intuito de publicizar ainda mais suas produções literárias e culturais, lançou, em 2006, o seu primeiro *Caderno de Cultura I*. Conforme o seu diretor, “Com esta iniciativa, pioneira – permita-nos o orgulho -, desejamos, além de valorizar, realçar os melhores textos publicados por nossos mais destacados articulistas e colaboradores permanentes” (OITICICA, 2006, p. 01). Para o jornalista, o mais importante dessa iniciativa é “começar a valorizar, como é devido, a quem – mesmo com dificuldades – se debruça sobre esse fazer sublime que é a literatura, seja ela na forma de poesia, crônica ou mesmo de artigo crítico e de alerta” (OITICICA, 2006, p. 01). Participaram dessa antologia de colunistas autores como Araken Vaz Galvão, Macária Andrade, Rosângela Góes, Moacir Saraiva, Nilton Viana, Dácio Monteiro, Dimpino Carvalho, Luiza Alves, Mustafá Rosemberg, Andréa Cabral e Edgar Otacílio. 6. Por fim, como uma das funções básicas de todo jornal, está a notícia. O *Valença Agora* tem-se preocupado bastante em noticiar os eventos que ocorrem na cidade e na região relacionados ao mundo da cultura e, particularmente, da literatura. As feiras, os eventos escolares relacionados à arte e à cultura, os festivais e todo e qualquer evento cultural recebem cobertura ampla nas páginas do jornal, oferecendo ao leitor um panorama bastante detalhado do acontecimento. Isso estimula a participação das pessoas, engrandece o evento, potencializa sua divulgação e afaga os organizadores. Portanto, por todos esses aspectos, o jornal cumpre sua missão e se coloca como um verdadeiro apoiador da literatura e da cultura no território onde está inserido, justificando a sua existência há dezenove anos.

Durante esses dezenove anos, o *Jornal Valença Agora* tem contribuído na construção da imagem autoral de muitos escritores da cidade. Nesse universo, merecem destaque aqueles que integram a Academia Valenciana de Educação, Letras e Artes (AVELA), fundada em 2007. Araken Vaz Galvão, Macária Andrade, Alfredo de Lima Neto, Mustafá Rosemberg, José Ricardo Vidal, Otávio Mota, Rosângela Góes, Francisco de Aguiar Neto, Carlos Magno de Melo, Amália Grimaldi, Moacir Saraiva, todos eles publicam ou publicaram nesse semanário, contribuindo e sendo fortalecidos pelas páginas desse hebdomadário, num jogo simbiótico permanente.

Moacir Saraiva, por exemplo, reconhece esse mutualismo cultural quando afirma que a atividade de escrita no jornal acaba se tornando um imperativo semanal, obrigando o escritor a produzir de toda maneira. Reconhece ainda que, por meio dessa participação semanal, o autor ganha visibilidade, tendo contato com um público quase sempre desconhecido. Por outro lado, essa mesma atividade também beneficia o jornal, no sentido de torná-lo mais próximo do público por causa da leitura do texto literário. O escritor cita como exemplo a realização de atividades com seus textos feitas em sala de aula, tanto com alunos da educação básica quanto da superior. Isso fazia com que os alunos soubessem da existência do jornal e, conseqüentemente, passassem a lê-lo e a assiná-lo. Além disso, destaca como atividade de propagação do jornal as palestras em que realizava sobre seus textos. Na oportunidade, apresentava o primeiro veículo de divulgação desses textos, o jornal. Nesse sentido, conclui o cronista, trata-se de uma experiência fantástica para ambos os lados, pois os dois são enriquecidos e fortalecidos, de alguma maneira, nessa relação mutualística.<sup>3</sup>

José Moacir Fortes Saraiva ou simplesmente Moacir Saraiva é natural de Campo Maior (Piauí), mas reside em Valença desde 1996. Colaborou por muitos anos com o *Jornal Valença Agora* no qual publicou centenas de textos. Dessa colaboração, surgiram, até o momento, quatro livros de crônicas e a participação em algumas antologias. Segundo o próprio autor, esses textos foram, inicialmente, publicados no supracitado jornal. Além desse meio, os textos de Moacir aparecem, pela primeira vez, na antologia de colunistas, o já supracitado *Caderno de Cultura I*, editado pelo *Jornal Valença Agora* (2006). São oito crônicas que serão reaproveitadas (quatro delas) no seu primeiro livro *A riqueza do detalhe*, publicado em 2009 pela EGBA. Em 2010, o autor publica sete crônicas na obra coletiva *Rio de letras: II antologia dos escritores de Valença, BA*, organizada pelo escritor Araken Vaz Galvão. No ano seguinte,

---

<sup>3</sup> Depoimento concedido pelo *WhastApp* em 26/04/2020.

é a vez de vir a público o segundo livro do autor, intitulado *Olhares: crônicas*. Em 2012, publica-se a sua terceira obra: *Mergulho em Valença*, com crônicas que leem a cidade em sua profundidade, “que se ocupam mais das entranhas desta cidade que tem tudo para ser mais bela, tem tudo para ser mais aprazível, que tem tudo para ser mais respeitada” [...] (SARAIVA, 2012, p. 08). No ano seguinte, Moacir lança seu último livro, o *Fios de vida* (2013), fotografando, por meio de palavras, situações do cotidiano que, como em fios, tecem a realidade. Em 2016, o autor participou de uma segunda antologia, publicando seis crônicas na *Revista da AVELA* (2016). Nesse período, Saraiva era o presidente dessa Academia. No momento, o autor organiza uma outra obra com suas crônicas publicadas nos jornais em que colaborou ou colabora. Nesse sentido, fica evidente a importância do jornal na vida do escritor, da mesma forma em que ele também contribui e fortalece o próprio jornal. Desse mutualismo, sai ganhando o leitor, que se beneficia tanto da notícia quanto da leitura dos textos literários e de todos os impactos que essa arte oferece ao cidadão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações estabelecidas entre o jornal e a literatura são diversas. Optou-se, neste texto, por abordar os ganhos advindos dessa parceria. Para tanto, tomei como exemplo o progresso da Imprensa na cidade de Valença que se desenvolveu em paralelo com a sua história literária. Ao mesmo tempo em que os jornais iam circulando e se estabelecendo na cidade, os escritores com seus textos também iam se afirmando e se impondo enquanto tais. Nesse desenvolvimento, estabeleceu-se uma relação mutualística, de modo que ambos se beneficiaram.

Quando se faz o mapeamento dos principais jornais que circularam na cidade, constata-se a existência de uma proliferação contínua de hebdomadários, criando uma tradição que se propaga até a era digital. Ao se comparar com as outras cidades vizinhas, verifica-se uma profunda diferença. Nenhuma delas foi tão profícua quanto Valença na circulação desses meios de informação.

Outra constatação que se faz nesse percurso é a respeito da quantidade de autores que essa relação mutualística faz surgir. Desde o seu surgimento, a Imprensa local tem dado visibilidade a muitos escritores. Vários deles, entraram para o cânone local e se projetaram no cenário literário estadual ou nacional. Isso também contribui para que a cidade seja considerada como a capital literária do Baixo Sul. Da mesma forma que a proliferação de jornais,

---

também se deu a multiplicação de escritores. Alguns deles ficaram restritos ao universo jornalístico; outros, por sua vez, daí saíram para outros suportes, sobretudo para o livro impresso. Nesse sentido, o jornalismo foi um grande meio de formação e de expansão do campo literário em Valença.

A relação entre jornal e literatura em Valença, portanto, além de fortalecer os dois polos aí presentes, contribuiu para o desenvolvimento de um terceiro, os seus leitores. No final do século XIX, por exemplo, quando o acesso aos livros era bem limitado, os jornais eram os meios mais acessíveis para leitura. Era por meio deles que as pessoas tinham contato com as notícias, com as informações semanais e também com o texto literário. Isso era – sobretudo – meio de formação do leitor, ampliando e fortalecendo seu repertório cultural.

---

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Magno. Amor à palavra. In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p. 93-7.

CALMON, Pedro. A Imprensa e a Literatura. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2. ed. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008, p.185-98.

CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno. *Anais da imprensa da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007.

CARVALHO, Alfredo de. A Imprensa bahiana. In: \_\_\_\_\_.; TORRES, João Nepomuceno. *Anais da imprensa da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007, p. 25-39.

ICÓ, Iara; SANTOS, Íris Gomes dos e OLIVEIRA, Natali Lordello. Caracterização geral da região do Baixo Sul. In: SANTOS, Íris Gomes dos; SCHOMMER, Paula Chies; ACCIOLY, Miguel da Costa. *Aprendendo com identidades e diversidades de comunidades tradicionais de pesca e mariscagem do Baixo Sul Baiano*. Salvador: CIAGS/UFBA; FAPESB; SECTI; CNPq, 2009.

LACOMBE, Américo Jacobina. Literatura e jornalismo. In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil: V. 6, Relações e perspectivas*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004, p. 64-116.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.) *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Edgard Otacílio da Silva. *Valença: dos primórdios à contemporaneidade*. 2. ed. Valença: FACE, 2009.

OITICICA, Vidalto. Caderno de cultura I: Valença Agora. In: *CADERNO de cultura I: antologia de colonistas do Jornal Valença Agora*. Valença: Gráfica Prisma, 2006, p. 01.

PIZA, Daniel. Jornalismo e literatura: dois gêneros separados pela mesma língua. In: CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (Orgs.).



*Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005, p.133-37.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SALLES, David (Org.). *Primeiras manifestações da ficção na Bahia*. São Paulo: Cultrix, 1979.

SANTOS, Milton. Classificação funcional dos jornais brasileiros: as regiões jornalísticas. In: TAVARES, Luís Guilherme Pontes (Org.). *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*. 2. ed. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2008, p. 177-84.

SARAIVA, Moacir. *Mergulho em Valença*. Valença: Gráfica Prisma, 2012.

SILVA, Gilson Antunes da. A literatura valenciana do século XX: O Grupo Finissecular. *Jornal Valença Agora*, Valença, 11 a 17 de jan. 2018. Caderno de Cultura, Nº 663, p. A4.

SILVA, Gilson Antunes; GOMES, Éllen Santos, ROSÁRIO, Gabriel Santos dos e QUEIROZ, Nivalmir Junio Santos. O grito vermelho de Newton Libertador e suas vertentes poéticas. *Jornal Valença Agora*, Valença, 15 a 21 de mar. 2018. Caderno de Cultura, Nº 672, p. A5.

SILVA, Gilson Antunes da. Valença, a capital literária do Baixo Sul. *Jornal Valença Agora*, Valença, 21 a 27 dez. 2017. Caderno de Cultura, Nº 660, p. A5.

**Recebido em: 30/04/2020**

**Aprovado em: 15/05/2020**